

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS: IDIOLETO E SOCIOLETO

MUDANÇAS NA SINALIZAÇÃO DE LÉXICOS

Autora: Vanessa Lima Vidal Machado

Universidade Federal de Ceará-UFC

Os estudos linguísticos direcionados para a Língua de Sinais começaram a ganhar força a partir de Willian Stokoe em 1960, com sua análise sobre a Língua de Sinais Americana (ASL – *American Sign Language*), propondo uma posição diferente para a análise e os estudos relacionados às línguas de sinais. Ele apresentou evidências científicas acerca do *status* linguístico das línguas de sinais, antes consideradas apenas uma forma de mímica utilizada pelos surdos para comunicação, provou que os sujeitos surdos dispunham de uma língua complexa com a qual podiam organizar e expressar a realidade circundante.

O estudo conduzido por Stokoe, ao evidenciar que os sinais empregados na ASL apresentam uma organização interna, com unidades mínimas distintivas que se combinam e recombinaem para formar unidades maiores, portadoras de significado, abriu caminho para o início de uma tradição em pesquisas linguísticas cujo objeto de estudo são as línguas de sinais.

Tais unidades mínimas constitutivas dos sinais que compõem as línguas visuais são chamadas de parâmetros, os quais se subdividem em parâmetros primários (configuração de mão - CM, ponto de articulação - PA e movimento - M) e ainda parâmetros secundários (direcionalidade da palma da mão e direcionalidade do movimento ou apenas orientação - O).

Após observar esses parâmetros e a fim de salientar sua constituição visual, o autor propõe uma terminologia para o estudo dos níveis linguísticos das línguas de sinais que difere da empregada nas línguas orais. Assim, Stokoe chamou o estudo das unidades mínimas sem significado constitutivas dos sinais de *cherology* (querologia) e atribuiu a essas unidades mínimas o nome de *chereme* (querema). Essa distinção terminológica, em grande parte, deve-se ao fato de que as unidades mínimas estudadas nas línguas orais são de natureza sonora. Daí o uso do termo “fonologia” para identificar o estudo desse nível

de articulação da linguagem nas línguas orais.

Apesar da intenção de Stokoe de ressaltar a natureza distinta que caracteriza a língua de sinais já no nome da área de saber que ele inaugurava, a terminologia não se consolidou, visto que Robbin Battison, em 1974, foi o primeiro pesquisador a utilizar a nomenclatura “fonologia” para se referir ao estudo das unidades mínimas das línguas de sinais (OLIVEIRA, 2015). A falta de consenso entre a terminologia a ser adotada ainda é usual.

Entretanto, na presente pesquisa, os termos “querologia” e “querema” são adotados em conformidade aos estudos de Stokoe e são os termos tomados para tratar dos fenômenos linguísticos relacionados à língua de sinais e seu uso. Ele evidenciou que para estudar uma língua espaço visual, como a língua de sinais, era necessário especificar outros aspectos, que não fossem os mesmos estudados pela fonologia., visto que, os termos das línguas orais, não são suficientes para explicar todas as características apresentadas pela língua de sinais.

Sendo esta uma forma de legitimar termos que se relacionam a especificidade das línguas de sinais, línguas de modalidade diferentes, que apresentam necessidades distintas. Termos tais como fonema, fonologia e fonológico, por exemplo, não são capazes de representar as características linguísticas das línguas de sinais por partirem de pressupostos voltados ao som e a fala. Desse modo, o uso de “querologia” tem no estudo das línguas de sinais o mesmo valor conceitual que “fonologia” para as línguas orais.

Stokoe comprovou que a Língua de Sinais possui seus próprios parâmetros e que não deveria ser comparada às demais línguas orais, visto que, ela possui estrutura própria.

Desta forma, a variação linguística está presente na comunidade surda, assim como em qualquer comunidade usuária de uma língua padrão, assim, ao analisar a Língua de Sinais, especificamente a Libras (a língua brasileira de sinais), objeto deste estudo, são encontradas formas de sinalização variadas, sendo possível notar essas variações nos âmbitos em que a língua circula, seja no âmbito informal, quando os sujeitos estão inseridos na comunidade se comunicando com outros sujeitos sinalizantes, seja no âmbito formal, quando o sujeito sinalizante está na esfera política, em um debate, por exemplo, discutindo direitos dos sujeitos surdos.

Assim, as variações queréticas da língua de sinais, organizadas em seus parâmetros assumem no discurso do sinalizador formas mínimas e variáveis que não alteram o significado do sinal. Como já mencionado anteriormente: configuração de mão - CM, ponto de articulação - PA e movimento - M, e ainda parâmetros secundários como a orientação - O.

Nas produções em Libras é comum existirem pequenas mudanças nas configurações de mão - CM, mudanças essas que em suma não alteram nem a forma e nem o sentido do sinal, são intrínsecos ao que produz a fala.

O movimento - M tem variações em seu uso, pois o mesmo sinal sofre alterações no movimento conforme o contexto, o momento de sinalização, o referencial, a idiossincrasia e o perfil desse sinalizante, que também pode alterar a forma de realizar o movimento e principalmente o espaço, pois esse é determinante na produção de um sinal.

É claro que o movimento possui uma lógica comum para cada sinalização, conforme os estudos linguísticos da língua de sinais apresentam a direcionalidade de movimentos em Libras, sendo esses movimentos, unidirecional, bidirecional e multidirecional podendo esses ser realizados de diversas formas como: retilíneo, helicoidal, movimento circular, movimento semicircular, movimento sinuoso e movimento angular.

Desta forma, pode-se afirmar que cada sinal tem um movimento a ser seguido, as mudanças na direção do movimento quando possíveis são comuns, mas devem estar sempre atreladas a sua forma base.

Já a orientação - O da mão sofre variação conforme a idiossincrasia do sinalizante, podendo ter esse sinal pequenas alterações em sua orientação. Por exemplo, o sinal de SEPARAR, a palma da mão pode estar completamente reta para a execução do sinal, ou levemente tombada, isso dependerá de quem sinaliza, essa mudança na orientação de mão as vezes é milimétrica, porém ocorre de sujeito para sujeito.

As expressões faciais também são importantes na construção do entendimento da língua de sinais, pois variam conforme o sujeito e a oração a ser expressada pelo interlocutor. Elas assumem função junto com os demais parâmetros, já que servem como aparato linguístico para a produção dos sinais, auxiliando assim, a compreensão do receptor. Essas expressões variam porque cada sujeito sinalizante tem

um perfil diferente, podendo alguns serem mais sérios, outros mais expressivos, por exemplo.

Pode-se também incluir nessa ideia o parâmetro corporal, pois esse também possui função na língua, mas depende e varia de sujeito para sujeito. Na frase sinalizada “SUBIR A ESCADA”, por exemplo, o sinalizante pode incorporar o sujeito e fazer um movimento corporal que dê a entender essa ação. A mesma frase pode ser sinalizada sem o aparato do corpo e nem por isso alterar o seu sentido.

Essa querética da língua de sinais possui nuances que nem sempre terão uma relação direta com a língua oral. São fenômenos diferentes que não necessariamente encontram correspondente de uma língua para outra.

A língua de sinais ocorre no corpo, portanto o sujeito que sinaliza (fala) envolve vários outros sentidos subjetivos que se apresentam em seu corpo durante a sinalização. A língua oral é presa em sua forma lexical, em sua forma consecutiva de fala. Já a língua de sinais, possui maior liberdade de produção e mudanças em seu interior sem necessariamente mudar o sentido daquilo que se quer falar.

Com a discussão elaborada até aqui, é possível entender que os conceitos propostos por Stokoe são, de fato, os mais adequados para tratar da compreensão da língua de sinais em suas unidades mínimas constitutivas. Entretanto, é importante ressaltar que se faz necessário aprofundar os estudos do autor norte-americano, propondo uma conceitualização ainda maior e que parta da diferença linguística da comunidade surda sinalizante, da necessidade visual de comunicação que os surdos apresentam.

Neste estudo, tal aprofundamento é buscado pela adoção do termo “querética”. Para defini-lo e explorar a forma como ele se inter-relaciona com a “querologia”, convém pensar nesses conceitos como dois modos distintos de se olhar para um quebra-cabeças: querética seria a visão das peças espalhadas, as unidades mínimas do quebra-cabeças, as quais, sozinhas, não apresentam nenhum tipo de significado. Por outro lado, querologia diz respeito à visão do quebra-cabeças montado, pronto, onde é possível vislumbrar o todo, o conjunto de peças que forma uma imagem e que, assim, comunica, passa alguma informação a quem o vê.

O aprofundamento da pesquisa, bem como a formulação do conceito de querética, visa portanto, abordar a questão da construção de sentidos que ocorre nas línguas de

sinais, a qual definitivamente não está ligada a perspectiva do som, tanto na audição quanto na emissão de voz. Na querética, tal como proposto aqui, parte-se da lógica da existência de uma “física da imagem”.

Além disso, assim como assumido para as línguas orais, sabe-se que as línguas de sinais evoluem ao longo do tempo, posto que apresentam variações na maneira como essa física da imagem é realizada. Importa destacar essa característica porque a presente pesquisa se propõe a abordar as diferentes maneiras de realização das unidades mínimas da Libras, compreendendo, em primeiro plano, que a querética aborda os parâmetros das línguas de sinais, ao passo que a querologia busca analisar as mudanças apresentadas na execução de sinais da Libras.

A título de exemplo, convém pensar na realização do sinal CURSO, o qual apresenta atualmente, em comparação a seu uso mais antigo, uma variação da ordem da economia linguística. Inicialmente, a mão em configuração de C realizava o movimento de deslizar sobre o outro braço, partindo do braço na direção do antebraço, chegando até o pulso. Atualmente, o sinal de “CURSO” é executado com o movimento da mão configurada em C apenas sobre o dorso da outra mão fechada. Todo o movimento realizado ao longo do braço e do antebraço de apoio deixou de ser executado.

Nesse caso, a querética aponta como está expressa a configuração de mãos (em C), enquanto a querologia identifica o significado de toda e execução do sinal e conseqüentemente a base de sua identificação lexical e de seu significado (CURSO).

A fim de encerrar esta seção, vale chamar atenção para o fato de que esses dois conceitos, querética e querologia, são duas áreas de reflexão que devem desenvolver-se de maneira conjunta, permitindo descrever a composição dos sinais da Libras e investigar os diferentes modos como as unidades da querética variam numa dada organização querológica.

Logo, com o intuito de explorar o que pode levar a diferentes realizações queréticas em dada organização querológica, a próxima seção ocupa-se de apresentar a variação linguística sob a perspectiva da sociolinguística.

IDIOLETO E SOCIOLETO

O **Idioleto** identifica a fala de cada usuário da língua, a língua única de

cada indivíduo, a maneira e o sentido por ele expresso, foca como cada pessoa vai executar o sinal, na variação individual de cada sinalizante. Segundo Labov (1972), são marcas pessoais da fala, existem traços linguísticos e variações particulares a uma certa pessoa e gênero do indivíduo. Assim, ao se produzir uma mudança, uma variação querética da estrutura do léxico, se produz uma mudança natural de elementos linguísticos.

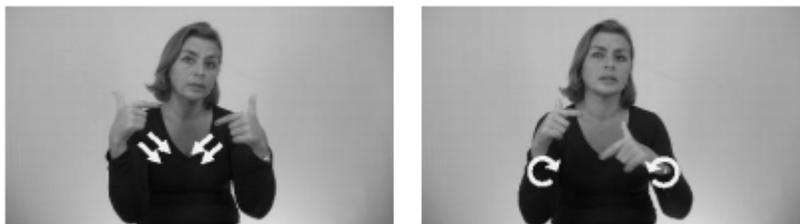
Uma pessoa pode ter diversas variantes dialetais em seu repertório e mudar de uma para outra quando lhe for conveniente ou de acordo com o contexto/interlocutor. Do ponto de vista sociolinguístico, é importante reconhecer a competência linguística do falante para os usos diferenciados que podem fazer da língua (LYONS, 1987).

Um exemplo de idioleto, está no sinal trabalhar, ele não possui diferença do significado pelo modo que a pessoa vai executá-lo, como segue abaixo:



TRABALHAR

Como indicam as setas acrescentadas às imagens abaixo, embora em ambas as formas o movimento seja alternado, na primeira forma do sinal, o movimento descrito pelas mãos é reto, enquanto que na outra realização possível desse mesmo sinal o movimento é circular.



TRABALHAR

Esse registro de forma gráfica em figura em dicionário, não é suficiente para apresentar os diversos espaços que o mesmo sinal pode apresentar durante uma enunciação. Adaptação contextual, a forma como o sinal será realizado, o espaço utilizado, performances que o dicionário não consegue expor, assim como os idioletos apresentados pelos sinalizantes, esses não descaracterizam a língua ou causam dificuldades de comunicação, apenas enriquecem e mostram a diversidade existente na Libras. O discurso em sinais pode se apresentar ainda de forma mais tensa ou relaxada, isso dependerá da forma como for enunciado a fala.

Partindo da noção de formalidade, um aspecto do uso linguístico que vai se estabelecendo com a evolução da língua, é possível ainda pensar as variações linguísticas como formas de uso que se distanciam daquelas apresentadas pelos registros formais¹. Esse tipo de variação pode ocorrer por diferentes influências externas, mas também pode ocorrer atrelada aos diferentes idioletos, nos quais cada falante emprega no uso da fala características individuais e subjetivas que podem modificar a forma como a informação é expressa.

O aporte teórico tem como base os estudos das variações linguísticas da Libras de Xavier (2011, 2014). Partindo dos pressupostos empregados por ele, busca-se aprofundá-los na medida em que se incluem nesta proposta de análise aspectos não considerados pelo autor. Sobre os idioletos:

A noção de idioleto acentua certos caracteres particulares dos problemas da geografia linguística: todo ‘corpus’ de falares, dialetos ou línguas só é representativo na medida em que emana de locutores suficientemente diversificados; mas é, pelo menos no início, sobre bases não linguísticas que são escolhidos esses locutores e os enunciados que eles produzem. Mesmo se o pesquisador levanta, para um dado falar, enunciados em número suficiente de todos os locutores encontrados na área estudada, ele postula implicitamente que esses locutores têm o mesmo falar. A noção de idioleto implica, ao contrário, que há variação não somente de um país a outro, de uma região a outra, de uma aldeia a outra, de uma classe social a outra, mas também de uma pessoa a outra. (DUBOIS, 1997, p. 329-330).

Idioleto, como já mencionado, refere-se à forma, ao jeito e à maneira como cada pessoa produz as suas falas; inclui a forma de construção textual, escolhas lexicais e também a maneira de articular cada sinal, mudando um pouco a forma da mão

ou outros parâmetros.

A mão que o sinalizante vai efetuar o sinal não é uma variação, isso é apenas uma mudança de lado, essa mudança ocorre se a pessoa é destra ou canhota.

A variação pode ocorrer dependendo até da situação emocional da pessoa, se está mais agitada a maneira com que ela vai sinalizar pode mudar sem nem mesmo perceber.

Não existe uma maneira concreta e uniforme de sinalizar, cada pessoa vai sinalizar com pequenas mudanças nas configurações das mãos e até mesmo nas expressões faciais, cada pessoa tem uma forma de se expressar, e na forma em que cada emissor vai passar suas ideias vai haver uma pequena diferença, existe uma variação biológica em cada um e isso faz com que a maneira de sinalizar não seja homogênea.

O **Socioleto**, por sua vez, é a forma como um grupo definido por critérios sociológicos usa a língua. Assim, existem diferenças entre o uso em áreas rurais ou urbanas, entre faixas etárias, homens, mulheres e mesmo diferenças de acordo com a orientação sexual dos falantes². Essa variação é dada devido à influência do grupo em que o sinalizante se encontra, ele recebe influência do grupo familiar, do grupo de amigos, e vários outros.

Pelo menos de um ponto de vista sociolinguístico, é muito mais útil imaginar uma pessoa dominando em sua competência lingüística um conjunto de dialetos parcialmente isomórficos, cada um dos quais ela compartilha com seus companheiros de um ou outro grupo social, do que considerar o que normalmente chamamos de dialetos como conjuntos de idioletos que se sobrepõem. Variação lingüística do indivíduo e variação lingüística na comunidade são dois lados da mesma moeda (LYONS, 1981, p. 251).

Libras é um importante meio de comunicação, possibilita às informações serem passadas em todos os lugares na comunidade surda, essa interação é constante. Os surdos têm sua subjetividade que possibilita essa miscigenação de sinais, variação linguística é uma característica humana e biológica, não é possível padronizar uma língua, sempre vão existir pequenas modificações. Dentro da comunidade são os próprios sujeitos surdos que tem essa identidade de trocar sinais e modificá-los quando acham conveniente.

O grupo precisa sempre dessa interação conhecendo políticas e a cultura para

fazer essa troca de sinais, um sujeito sozinho não é capaz de fazer essa transformação, mas quando existe coletividade essas modificações ocorrem normalmente, quase que biologicamente. Dentro do ambiente escolar, essa interação cultural é ainda mais forte, sempre existem críticas e sugestões que constroem o sujeito e sua língua, cada um tem sua subjetividade e isso é compartilhado nesse ambiente disseminando mais informação.

Variação linguística na Libras também existe entre cidades e estados, essa mescla de sinais é devido aos meios de comunicação que a comunidade surda utiliza, por exemplo, “viralizando” um sinal novo em pouco tempo. Essa variação passa de pessoa para pessoa quando um locutor utiliza um sinal que o interlocutor se identifica, o mesmo passa a usá-lo e disseminá-lo também, assim, existe uma troca de sinais e uma contribuição de cada sinalizante complementando o léxico de cada um.

Essa contribuição é constante entre a comunidade, sempre se deposita sinais e se recebe também, quando se acha um modelo de sinalização que agrada, a pessoa tende a copiar e se apropriar de alguns sinais utilizados pelo seu modelo. Sempre existe uma pequena mudança de movimento e de orientação ou até mesmo na configuração. O sinal se espalha rapidamente e cada sinalizante se apropria do sinal e vai reproduzindo da maneira que lhe agrada, é apenas uma pequena mudança, nada que altere o significado do sinal, mas que contribui à forma única de cada usuário da língua de se expressar, refletindo a sua experiência de vida e personalidade única.

Variação é uma constante no uso real da língua, do cotidiano. Existe também a questão do tempo que a pessoa aprendeu Libras, se a pessoa sabe Libras a pouco tempo, sinaliza mais devagar, se a pessoa sabe Libras a muito tempo sinaliza mais rápido. Também existem pessoas que sinalizam com as configurações muito bem-feitas e outras que não, que se expressam de maneira mais descontraída, mas o importante é a comunicação.

Existem comunidades extremamente tradicionais que utilizam sinais muito próprios e são fechadas, impossibilitando essa troca de léxicos. Variações também existem na questão etária, crianças tem uma variação dos adolescentes que tem uma variação dos adultos que diferenciam da sinalização dos mais velhos e assim por diante. Variações são encontradas em todos os grupos sociais que possuem interação entre si, a tecnologia tem possibilitado mais essa troca através dos meios de comunicação utilizados

pelas pessoas da comunidade surda.

A maneira de sinalizar sofre várias mudanças no discurso, podendo ser formal ou informal, isso depende de vários fatores, como o psicológico, o subjetivo e a influência de outros sinalizantes. A intensidade também tem relação com os idioletos, a maneira como se expressa, o jeito como sinaliza.

Diante do exposto até o momento, verifica-se que a variação querológica, sejam idioletos ou socioletos, pertencem a cada sujeito sinalizante, que entende e sente o mundo que lhe cerca de uma maneira própria, individual e é influenciado por inúmeros fatores e que por tudo isso mostra diversas formas de aplicação de um mesmo sinal, sem, contudo, mudar sua essência ou dificultar seu entendimento por parte dos que desejam um aprofundamento maior da Libras, uma língua tão rica de significados, pelo contrário, engrandece ainda mais e fortalece sua disseminação como língua viva, e em constante evolução.

MUDANÇAS NA SINALIZAÇÃO DE LÉXICOS

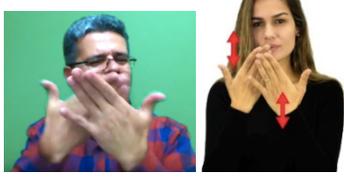
Dependendo do tipo de material analisado, verifica-se a ocorrência de variação de maneira mais formal ou mais informal, nota-se também a existência de mudanças na língua usada pelos indivíduos dada pela transformação da realidade de cada grupo social, onde ocorrem as variações linguísticas.

A variação pode acontecer também de maneira inconsciente pelo tradutor/intérprete, ou consciente, como forma de melhorar o entendimento, a clareza das ideias da mensagem, com relatos variantes mais informais, para despertar interesse dos alunos, por exemplo.

Na presente pesquisa, foram analisados também alguns sinais específicos e suas respectivas variações, em diferentes ambientes, quais sejam, videoaulas de professores de Libras e vídeos públicos do site Youtube. Abaixo verifica-se a variação querológica existente na sinalização do verbo ESTUDAR, apenas um exemplo visual para ilustrar com propriedade o que foi discutido até aqui:

Tabela 1 – Variação Querológica “ESTUDAR”

--	--

VIDEOAULA	YOUTUBE
<p>1. <u>ESTUDAR</u> QUE <u>ESTUDAR</u> F-O-N-É-T-I-C-A (DEIXIS) OUTRO F-O-N-O-L-O-G-I-A..</p>	<p>2. PRÁTICA NA HORA <u>ESTUDAR</u> VOU ENSINAR MAIS...</p>
	
<p>Fonte: DVD Fonética e Fonologia - Edição Tempo: 00'25''</p>	<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Ue9HV7Oru8U Tempo: 02'49''</p>

Fonte: Elaborado pela autora

No processo de variação idioletal retratado acima, os dois casos apresentam a realização do sinal executado com as duas mãos atuantes na forma aberta, incluindo o dedo distendido aberto e polegares abertos, inclinados para dentro e dedos inclinados para os alunos, batendo duas vezes o dorso dos dedos direitos, sobre a palma dos dedos esquerdos.

Assim, o sinal ESTUDAR também sofre alteração em sua CM no ato de fala do tradutor analisado, como pode-se observar na imagem à direita da tabela: o mesmo é realizado na altura da boca. Nesse contexto, as variáveis constitutivas de individualização do sujeito são evidentes, visto que, as diferenças de realização do sinal são mínimas (pouca mudança querética) e muitas vezes inconscientes, se configurando como uma variação livre do sinal.

Com esses dados, observa-se que a variante mais utilizada pelos sinalizantes, para diferentes usos, foi o idioleto, visto que, são marcas pessoais, variações linguísticas particulares da fala de cada sujeito, que em cada caso observado serve para dar um melhor entendimento do que está sendo dito.

Ao analisar os idioletos, observa-se que o mesmo sinal é feito com diferentes variantes para facilitar a compreensão. Na variação econômica e na variação

de registro informal e formal têm-se quantidades de sinais com omissão de uma das mãos, duplicação de mão, mudanças de configuração de mão, de movimento, de locação, orientação e expressão facial, uma expressiva constatação da variação existente na realização dos sinais que continuam com o mesmo sentido.

É notório que o sinal TRABALHAR, como exemplificado anteriormente, tem uma diferença em sua execução, o sinal é mais relaxado, com movimentos mais amenos, além da CM estar mais declinada. Uma análise a ser feita é se o sinal empregado é formal, se a forma como é executado o sinal tem influência do cotidiano, idioleto ou influência do ambiente, compondo também, estas indagações o cerne da pesquisa.

A variação querética sempre estará voltada ao léxico da língua, por exemplo, a CM em “N” pode aparecer com variação, sem alteração de sentido, podendo ser executada das seguintes formas:



Essas mudanças não alteram necessariamente o sentido do item lexical. Notando que essa CM representa também uma letra do alfabeto manual. Sendo assim, a variação também tem reflexos durante a soletração ou datilologia. No idioleto, a variação ocorre mais na mão atuante, embora dependendo da necessidade referencial, ela possa alternar; essas são inerentes ao indivíduo e sua forma peculiar de sinalizar.

Por isso, como o parâmetro é apenas um modelo querológico, não inclui todas as variações utilizadas dentro dos grupos que compõem a comunidade surda, é importante salientar que por um lado a padronização de uma língua se torna importante para a comunicação entre os seus usuários, porém tomar uma única forma como correta é um equívoco, pois o regionalismo, por exemplo, está muito presente em todas as línguas.

Saber lidar com essa particularidade se torna importante e por outro lado, a variação querológica não pode ser considerada como desvio ou erro, pelo contrário, faz parte da riqueza e expressividade da língua.

RESULTADOS DA PESQUISA

Diante de um longo período de estudos direcionados a variação linguística e o contato com diversos alunos, comprova-se a existência da variação querológica na Libras, sendo este um fenômeno natural da comunidade surda.

Observa-se que os aspectos de formalidade e informalidade estão sempre presentes nos estudos de variação linguística. Ou seja, o pressuposto metodológico de comparar um contexto mais formal com um contexto mais informal se mostra possível.

As performances e os perfis de sinalização também variam de sujeito para sujeito. Em todos os materiais analisados foi perceptível as nuances de sinalização, especialmente as variações influenciadas pelo nível de fluência da língua.

Para analisar cada situação linguística seria necessário dispor de mais tempo para tal apreciação, já que a língua apresenta muitos fatos em relação a um tema ainda pouco explorado na Língua de Sinais, portanto, um campo tão amplo e que deixa questões a serem investigadas.

Entende-se que a variação linguística é fundamental, pois nela contém a história de cada indivíduo, da sua geração e do seu ciclo de relacionamento. Sendo assim, reconhecer o valor das variações existentes em uma língua, e a sua importância para compreender a constituição da própria língua, é indispensável para esse campo de estudo.

A partir do exposto pode-se constatar que se trata de uma nova proposta, em que a comunidade surda tem sua variedade linguística e as práticas de tendência da língua demonstradas, bem como o estilo empregado por cada sujeito no uso da língua, uma vez que cada estilo de fala encontra-se relacionado ao grupo social específico.

Nesse sentido essa pesquisa verificou a existência de diversos estilos de fala, com diferenças nítidas e que apresentam em um mesmo discurso vários gêneros, bem como o uso de variedades da língua, como sinais formais e informais, uso de gírias, postura corporal, expressão facial e entre outros. Essas variedades marcam a identidade linguística desse grupo, que os diferencia dos outros grupos linguísticos, onde pessoas com diferentes subjetividades podem conhecer a riqueza da Libras.

Assim, em um estudo mais detalhado dos tipos de variação, considerando as condições, social e cultural, diversas, não se pode esquecer do alcance da compreensão nas situações de variação, sendo esta também, uma importante amostra para o universo de estudos acerca da variação querológica em Libras.

Para a continuidade desta proposta são necessárias maiores pesquisas relacionadas às questões relativas à variação linguística na Libras; estimular as pesquisas e a criação de um corpus da Libras; intensificar os registros da língua para que se possa preservar a história da língua e acompanhar sua evolução; estender pesquisas em diversos espaços onde a língua deve expandir seu uso, migrando para outras áreas; verificar ainda, produções espontâneas, notando que há diversos estilos de sinalização.

Assim, verificam-se as variações linguísticas em Libras como variações querológicas, título muito importante que reconhece as variedades da Libras, como forma de expressão cultural, natural, com características individuais inerentes à comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. Tradução de. Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1997.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: Uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (LSB/Libras)**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

XAVIER, André Nogueira. Variação fonológica na libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: **XVI SETA - Seminários de Teses em Andamento**, Campinas. Anais do SETA (UNICAMP), v. 5. p. 119-145. 2011.

XAVIER, André Nogueira; Barbosa, Plínio Almeida. **Com quantas mão se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)**. Todas as Letras, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013.

WEININGER, M. J. (Orgs.). **Estudos da Língua de Sinais Brasileira**, Volume III. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014, p. 71-97.

STOKOE, W. C. Sign Language Structure: outline of the visual communication systems of the american deaf. **Studies in Linguistic**, University of Buffalo, n. 8, 1960.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].